

João Senise canta o pop rock dos anos 1980 no Rival



PÁGINA 3

'Força Bruta' ganha sequência de tirar o fôlego



PÁGINA 5

'Succession', 'Treta' e 'O Urso' dominam o Emmy



PÁGINAS 6 E 7

2º CADERNO

Divulgação

Em 1967, um grupo de jovens desafiava o status quo dos anos de chumbo. O grupo era o Teatro Universitário Carioca. Mais de 50 anos depois, aqueles atores, que hoje têm idade em torno de 75 anos, voltam a desafiar. Desta vez, desafiando o preconceito contra os idosos, vistos como pessoas que não têm mais nada a oferecer à sociedade.

Mas eles têm. E muito. Com a empolgação e a motivação características da juventude, o grupo faz temporada com o espetáculo "Re-Acordar" no Centro Cultural Justiça Federal, desta quarta-feira (17) a 7 de fevereiro, sempre às quartas-feiras, às 18h30.

"Re-Acordar" conta a história de integrantes do Teatro Universitário Carioca desde quando o grupo se criou, em 1966, até o momento atual, numa travessia de mais de 50 anos que fala sobre os anos de ditadura, prisão, exílio, viver no Brasil. O musical é como um rio que atravessa essas vivências.

O texto parte da obra teatral "O Coronel de Macambira", de Joaquim Cardozo, apresentada em 1967, com direção de Amir Haddad e música original de Sérgio Ricardo. Momentos dessa peça emprestam a "Re-Acordar" algumas de suas mais belas cenas, às quais se acrescentam e sucedem poemas de Marta Klagsbrunn e relatos e reflexões de participantes do Tuca. O espetáculo inclui fotos daqueles anos de resistência.

"O espetáculo representa mais de 50 anos da vida pública, cultural e política do Brasil. Manter vivas essas memórias, servirá para evitar que os piores momentos desse período (a ditadura) se repitam, e procurar multiplicar os melhores momentos vividos desse período. Isso nos dará forças para o desenvolvimento de políticas públicas e melhores condições de vida para as futuras gerações", reflete Amir Haddad, que assina a dramaturgia e a direção, além de participar do elenco.

Assistir a "Re-Acordar" é uma ótima oportunidade para ouvir canções de Sérgio Ricardo



'Re-Acordar' conta a história de integrantes do Tuca desde quando o grupo se criou, em 1966, até hoje

Amir Haddad revive o Tuca

Com direção do dramaturgo e músicas de Sérgio Ricardo, 'Re-Acordar' reúne elenco de atores veteranos oriundos do teatro universitário dos anos 1960 em temporada no CCJF

que jamais foram gravadas. Merecidamente, ele será homenageado pelos filhos, os músicos Marina Lutfi e João Gurgel, que abrirão a cena com um tributo ao pai, nas sessões de estreia e de encerramento da temporada.

Os arranjos e a direção musical ficaram a cargo do maestro Luiz Cláudio Ramos, que também foi o responsável pelos arranjos na

montagem de 1967. A trilha sonora é a original. E nem parece que é de quase 60 anos atrás, tais atualidade e potência!

Está tudo ali ainda: a arte, a coragem, o vigor, a memória, a alegria de estar no palco, de estar em cena. Aquela juventude que enfrentou a ditadura enfrenta, agora na terceira idade, o etarismo, essa palavrinha, que está na

lista dos preconceitos inaceitáveis, ao lado de racismo, machismo, xenofobia e outros conceitos nada politicamente corretos. O bom é que a idade tornou bem mais leve o que, um dia, foi chumbo. Como se os atores tivessem reativado a alegria de viver. Até porque os sonhos não envelhecem.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Reprodução TV



Morona é abraçado pelo cão durante reportagem

Cachorro invade entrada ao vivo de repórter e bomba nas redes

O repórter Deivid Morona, do Bom Dia Santa Catarina, não conseguiu passar informações durante uma entrada a vivo no jornal da afiliada da Globo. Mas o motivo é fofo: um cãozinho “invadiu” o espaço dele para brincar. O vídeo viralizou e foi compartilhado até mesmo pelo profissional. Ele não conseguiu se concentrar. “Gente,

desculpa. A gente está parado aqui para fazer uma entrada ao vivo e esse carinho aqui... Dá licença, cara. Ele não deixa a gente passar as informações. Quer me dar um abraço”, disse, aos risos. “Eu posso voltar depois? Aqui está difícil passar a informação”, emendou ele, que era abraçado nas pernas pelo animal.

Morte trágica

Brent G. Sikkema, dono da galeria de arte Sikkema Jenkins & Co., em Nova York, foi encontrado morto em apartamento no Rio na noite desta segunda-feira (15). Segundo a polícia, Sikkema, que tinha 75 anos, foi vítima de facada.

Mea culpa

No ar desde setembro, o remake de “Elas por Elas” é dado como uma novela das seis que não deu certo. Mas a Globo admite sua parcela da culpa: há um o consenso de que exibir a trama na faixa das 18h foi um erro de avaliação.

Contrato novo

O apresentador Danilo Gentili renovou o seu contrato com o SBT. Com isso, o humorista vai completar dez anos no comando do talk-show The Noite, exibido nos fins de noite da emissora de Silvio Santos, no próximo mês de março.

Neoitaliana

Despontando na carreira internacional, Bruna Marquezine tirou a cidadania italiana. A atriz está com o passaporte em mãos e exibiu a novidade em seu Instagram. Com o documento, a atriz pode morar e trabalhar em alguns países da União Europeia.



O Tuca nasce fazendo arte de resistência após o fim do CPC da UNE durante a ditadura

Grupo nasceu em contexto de grande criatividade

Divulgação

O Teatro Universitário Carioca foi fundado por um grupo de estudantes universitários, inspirados nos êxitos do Teatro da Universidade Católica São Paulo.

O Tuca surgiu num contexto de muita criatividade envolvendo o movimento estudantil, apesar de o golpe de 1964 ter fechado a União Nacional dos Estudantes (UNE), o que encerrou as atividades do Centro Popular de Cultura (CPC) e talvez tenha impedido a carreira de talentos promissores em vários campos das artes, como teatro, música, cinema e literatura.

Para além de um grupo teatral, o Tuca Rio atuava contra a ditadura militar destacando-se como um centro de política cultural que concentrava grupo de dramaturgia com apresentações de seus resultados, aulas de atuação teatral, curso de história do teatro, laboratórios e ensaios, jornal com análises críticas, produção e apresentações musicais em escolas públicas.

Desde o início o diretor de teatro Amir Haddad foi o orientador artístico do Tuca, participando ativamente de todas as etapas até



Amir Haddad no fim dos anos 1960

a escolha do poema dramático “O Coronel de Macambira”, do poeta e engenheiro Joaquim Cardoso, inspirado no auto dramático do Bumba Meu Boi, de Pernambuco e Maranhão.

Com a adesão de inúmeros estudantes, foram feitas várias seleções para formar o elenco. Muito trabalho, dedicação, comprometimento e entrega foi moldando a identidade dos participantes que, até os dias atuais, mantêm os vínculos de sociabilidade, afetividade, caráter e talento.

Após uma temporada de cerca de dois meses no teatro Ginástico no Rio de Janeiro, em 1967, o

Tuca excursionou por Brasília e São Paulo, tendo ótima receptividade e sucesso.

SERVIÇO

RE-ACORDAR

Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco 241 – Centro)

De 17/1 a 7/2, às quartas-feiras* (18h30)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

*Nos dias 17/1 e 7/2, o espetáculo recebe os músicos Marina Lutfi e João Gurgel, que abrem a cena com um tributo ao pai Sérgio Ricardo.

Marcelo Castelo Branco/Divulgação

Em clima de 'saudades do que não vivi'



João Senise celebra os 35 anos cantando sucessos do pop rock dos anos 1980 no palco do Rival Petrobras

Por Affonso Nunes

João Senise está comemorando 35 anos e vai celebrar a data nesta quarta-feira (17) no palco do Teatro Rival Petrobras, a partir das 19h30, cantando um repertório do pop rock dos anos 1980, canções originalmente gravadas quando o cantor nem era

nascido ou, na melhor das hipóteses, era muito pequeno.

“Nasci em 1989, então pra mim a década de 80 é o famoso ‘saudades do que não vivi’. Mas, tirando, é claro, o auge do jazz e da bossa nova, é a época musical que mais gosto: a explosão da música pop e seus subgêneros, os sintetizadores com uma infinidade de sons, a bateria eletrônica, clipes inesquecíveis, figu-

rinos e penteados extravagantes”, conta João, que terá como convidadas as cantoras Áurea Martins, Cris Delanno e Jane Duboc.

No repertório, canções de artistas e bandas que marcaram época como A-ha, Cyndi Lauper, Earth, Wind and Fire, Eric Clapton, Daryl Hall & John Oates, Michael Jackson, Paul McCartney, Rick Astley e Stevie Wonder. O Brasil estará repre-

sentado com temas de dois hitmakers dessa geração: Leo Jaime e Ritchie.

“Foi uma década muito rica musicalmente, tanto no Brasil quanto lá fora: Michael Jackson, Madonna, Tina Turner, Leo Jaime, Lulu Santos, etc. É um estilo de música que não tocava muito em casa, mas que fui descobrindo através de filmes, rádio e amigos”, conta João.

Filho do saxofonista e flautista Mauro Senise e da produtora cultural Eliana Peranzetta, João destaca o revival dos anos 1980, com o lançamento de séries como “Stranger Things” (Netflix), reencontro de bandas da época. “É um bom momento de apresentar esse show inédito com um panorama da música pop da época”, convida.

A direção musical e arranjos do espetáculo são do maestro Gilson Peranzetta. Completam o time Alexandre Cavallo (baixo elétrico) e Ricardo Costa (bateria).

SERVIÇO

JOÃO SENISE 35 ANOS - O POP DOS ANOS 80

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

17/1, às 19h30 | Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Os desafios das relações

Manola segue as divulgações de seu primeiro EP, “Passageiro”. O projeto, que conta com quatro faixas inéditas, ganha agora um registro audiovisual para “Deixa”, música que conta com colaboração do cantor e compositor Rodrigo Auad. O videoclipe está no canal da artista no YouTube. A música aborda os desafios de decidir se arriscar novamente em um relacionamento e questiona a autopreservação versus a entrega aos sentimentos pulsantes, é uma fusão de urban pop e promete provocar reflexões sobre a efemeridade das relações.

Divulgação



Divulgação



Coreografia oficial

Karol Conká se junta ao Fit Dance para lançar a coreografia oficial de “Negona”, um feat com as irmãs Tasha & Tracie. Além de assinar a composição da música, cada movimento é impulsionado pela assinatura única do refrão, criado pela rapper. Dirigido por Vinícius Inácio, o Vídeo Dance traz uma experiência visual e musical única, incorporando referências do próprio cenário do clipe de “Negona” lançado por Karol, proporcionando uma conexão visual e artística entre ambas as obras. A coreografia completa está prontinha e disponível no canal da Filtr Music no Youtube

Divulgação



Nova parceria

Doze anos depois de seu primeiro álbum solo, a cantora, compositora e cavaquinista Roberta Nistra – presença indispensável nas rodas de samba e palcos cariocas – lança via Biscoito Fino “Cabocla Serena”, single que faz parte do projeto que tem produção musical de Luis Filipe de Lima. O samba e uma parceria da artista com a cavaquinista e compositora Yasmin Alves. Roberta divide os vocais da faixa com o cantor Vandro Augusto. “Conheci o Vandro tocando num bar chamado Araponga e fiquei fã do timbre grave da sua voz, da interpretação visceral e autêntica dele”, dia Roberta.

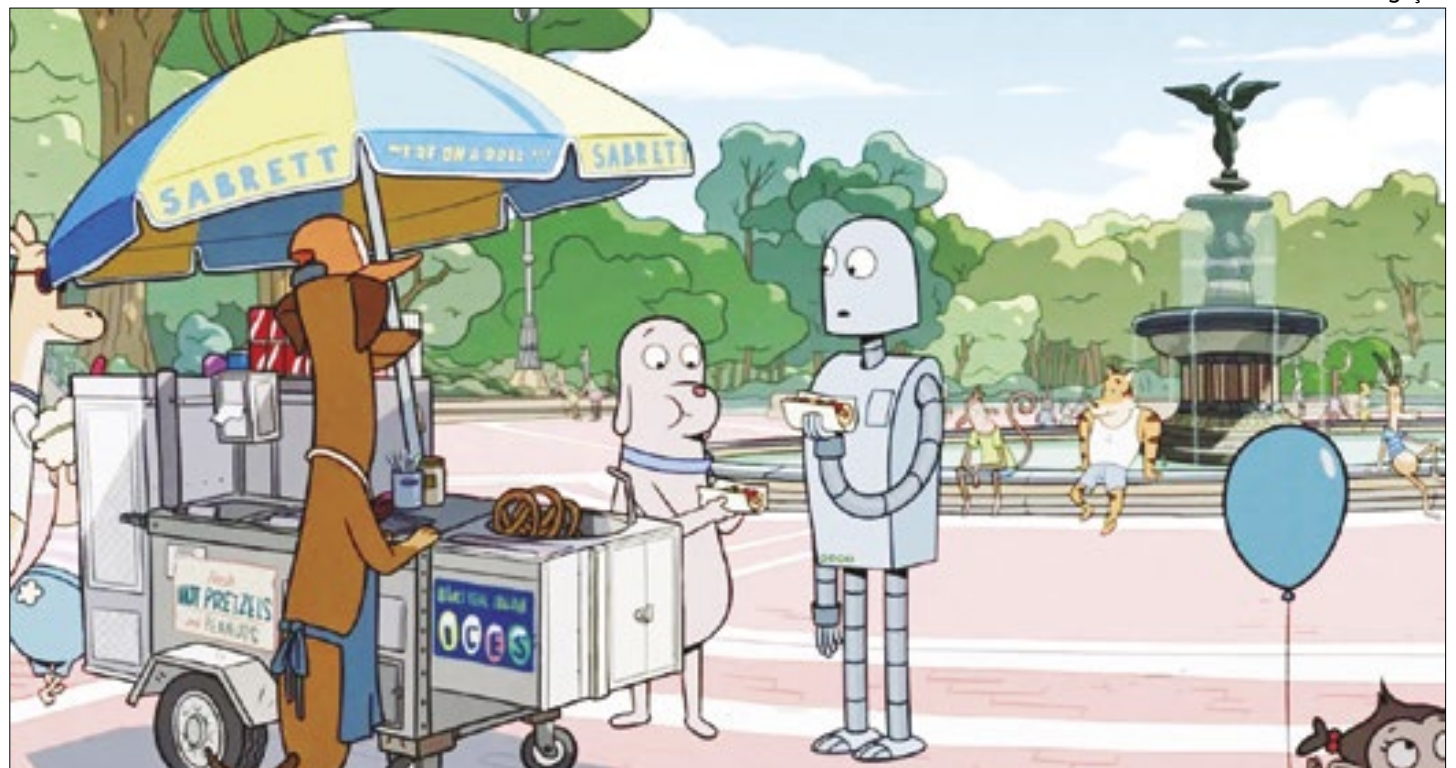
História de ‘bromance’ entre um cão falante e um androide, ‘Meu Amigo Robô’, do espanhol Pablo Berger, leva a Nova York dos anos 1980 ao Estação NET Rio, nesta quarta

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Parece apenas amizade, das boas, mas o rala e rola de afetos entre um cãozinho queer e um androide fã de sorvete retratado na animação “Meu Amigo Robô” (“Robot Dreams”) beira uma paixão, daquelas serenas (por mais paradoxal que pareça), que duram, duram, duram... Dura tanto que saiu do Festival de Cannes, cheia de prestígio, e aterrissa hoje no Rio, numa exibição (imperdível) às 18h, no Estação NET Rio, em Botafogo, que serve de esquentar para sua estreia. O que a produção narra é um bromance, o benquerer de pessoas amigas.

Sua argamassa é um quadrinho. Com cerca de 100 mil cópias vendidas, a HQ “Robot Dreams”, de Sara Varon, tornou-se um best-seller tão grande para um gibi gestado fora do ventre da Marvel ou da DC que o cinema não poderia ignorá-lo. Estúdios até consideraram a hipótese de filmar a saga antropomórfica de um mundo onde bichos são personificados – e alguns vivem beeeem sozinhos. Mas quem acabou por comprar o projeto foi um cineasta independente espanhol, de origem basca, Pablo Berger (de “Blancanieves”), que resolveu adaptar aquela trama em forma de desenho animado para públicos abertos ao chamado family film (de agradar crianças e marmanhos), mas afeitos a narrativas mais ousadas moralmente. Essa ousadia essencial foi o motivo que abriu as portas (e as telas) de Cannes para Berger. Sua releitura para a graphic novel de Berger tem um sabor de nostalgia a mais, com referências ao sucesso de outrora “Kramer vs. Kramer”.

“Amo esse filme de 1979, amo a estética de seu diretor, Robert Benton, e amo seu ator, Dustin Hoffman. Meu protagonista, um cachorro com jeito de gente, é o Hoffman. Mas



Com 100 mil cópias vendidas, a HQ ‘Robot Dreams’ tornou-se best-seller impossível de ser ignorado pelo cinema

Um cão, um homem de lata, um filmaço

Divulgação



não usamos diálogos. Existe até uma cena em que aparece um outro animal levando o filho pequeno pra aprender a andar de bicicleta. É

uma homenagem direta aos Kramers. Tem homenagem ao De Niro de ‘Taxi Driver’ também. A nossa vida de cinéfilo é cheia de

referências a Nova York. Há sempre um filme passado lá em nossa história”, diz Berger ao Correio da Manhã em Cannes.

Formado na NY dos anos 1990, onde conheceu sua mulher e onde iniciou projetos de sucesso, como “Torremolinos – De Cama Para a Fama” (2003), Berger aposta numa estrutura simples em “Robot Dreams”. Não usa efeitos de computação gráfica em 3D, nem visual poligonal, nem se calça em diálogos educativos. Aliás, nem diálogo seu filme tem. Não precisa. Os olhares de seu protagonista canino dizem tudo.

“Sim, uma imagem pode ser mais forte do que mil palavras, desde que calçada por um som adequado. Pelo menos é isso o que faz do cinema uma arte com gramática própria”, diz. “Eu sou um cara da velha guarda, que cresceu vendo desenhos animados sobre amigos, e queria que cada frame desse novo projeto emulasse uma metáfora da solidão e da importância de uma amizade, sobretudo depois do isolamento que a covid-19 nos impôs. Falta toque”.

Ímã de lágrimas em Cannes, “Robot Dreams” se encontra nas estações do ano em que o cão de vida vazia inspirado em Hoffman quebra sua inércia emocional depois de comprar um robô (dotado de inteligência artificial) para ser seu companheiro de dia a dia. A trilha sonora, com direito a “September”, do Earth Wind & Fire embla a construção do relacionamento deles. “Tem uma coisa de ‘O Mágico de Oz’, com o Homem de Lata que sonha em ter um coração”, diz Berger. “Meus sonhos, em geral, são coloridos. Queria isso num filme sobre sonhos”.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Ao anunciar os títulos que compõe sua programação de premiações, fora da disputa pelo Urso de Ouro de 2024, a 74ª Berlinale (agendada de 15 a 25 de fevereiro) incluiu um filme de ação daqueles de voar tiro para todo lado em seu menu de atrações: “The Roundup: Punishment” (“Beom-Joe-do-si 4”). Essa trama de investigação e tapas na cara, dirigida por Heo Myeong Haeng, é uma sequência de um sucesso mundial de bilheteria, gestado na Coreia do Sul, chamado “Força Bruta”, lançado aqui em 2022.

Ma Dong-seok, ou Don Lee, o Gilgamesh da aventura “Eternos” (2021), da Marvel, é seu protagonista: uma espécie de Dirty Harry da Ásia. Embora o Festival de Berlim tenha exibido ensaios sobre a violência em anos recentes – caso de “Logan”, em 2017, e de “Tempo de Caça”, em 2020 -, é curioso ver o mais politizado dos eventos cinematográficos do Velho Mundo flertar com o cinemão de gênero pela mais patrulhada das vias: os thrillers de pancadaria. O anúncio de sua participação na maratona cinéfila germânica acontece no momento em que o violentíssimo (e imperdível) “Beekeeper: Rede de Vingança”, com Jason Statham, candidata-se a cult e se firma como a maior bilheteria dos EUA de semana passada para cá.

Paralelamente, um filme finlandês recheado de adrenalina, “Sisu”, de Jalmari Helander, no qual um garimpeiro encara nazistas a pica-retadas, roda festivais mundo afora e encontrar lar, entre nós, na HBO Max. Não bastasse isso, o Festival de Roterdã, na Holanda, que começa no dia 25 de janeiro, vai exibir a trilogia italiana de ação “Diabolik”, baseada em HQ homônima. A França promete solavanco nas poltronas com “Le Salaire De La Peur”, remake de “O Salário do Medo” (1953), que vai estreiar sob a direção de Julien Leclercq, apoiado num elenco que junta Ana Girardot, Alban Lenoir, Franck Gastambide e Sofiane Zermani – além de um caminhão cheio de nitroglicerina das mais explosivas.

Logo após o anúncio da Ber-



Divulgação

Don Lee em ‘The Roundup Punishment’, a sequência do sucesso ‘Força Bruta’

Cinema de ação gourmet

Com uma bilheteria de US\$ 100 milhões no currículo, ‘Força Bruta’, hoje na Amazon Prime, ganha uma sequência que alcançou para si espaço nobre na grade da Amazon Prime

linale, na manhã de segunda-feira, o quilate comercial de “The Roundup: Punishment” já subiu entre distribuidores, exibidores e mesmo streamings. O longa de 2022 pode ser visto na Amazon Prime. É uma expressão de sucesso da fase pop sul-coreana do noir policialesco.

Com “Parasita” (e seus quatro Oscars + uma Palma de Ouro) flambulando como um estandarte de glória para o mundo, o cinema da Coreia do Sul vem emplacando um sucesso atrás do outro desde 2004, quando “OldBoy” estourou no Festival de Cannes, conquistando o Grande Prêmio do Júri, retratando lutas (com um martelo na mão) de um modo como nunca se viu, a um passo da crueza. Seu próprio realizador, Park Chan-Wook, brilhou recentemente com o tenso “Decisão

de Partir”. Mas uma coisa é celebrar o êxito e o vigor estético de bons filmes. Outra coisa é se orgulhar de ver um personagem de um desses bons filmes ultrapassar as fronteiras de sua própria narrativa e virar uma figura que cai no gosto do planisfério cinéfilo, um pouco como se viu no Brasil com o Capitão Nascimento e com Zé Pequeno. É que acontece com a franquia à la “Stallone Cobra” que a Berlinale vai projetar. Sua consagração se deu graças ao carisma de um ator em estado de graça: o já citado Ma Dong-seok.

No papel do imparável policial Ma Seok-do, ele ajudou “Força Bruta” (“The Roudup”), uma produção de US\$ 7,7 milhões, a faturar US\$ 100 milhões Ásia adentro. O ator cria um tipo maluco, perigoso, mas devotado a um ideal de justiça que

parece não caber mais num mundo de polarizações, assombrado pela patrulha ideológica da correção política.

Patrulha essa que foi responsável por uma erosão no ethos e na forma do cinema de ação, a partir dos mandamentos que o filão assumiu como seu código simbólico a partir do fim dos anos 1960, com o sucesso de “Bullitt” (1968).

A ideia do “exército de um homem só” que nos garantiu pérolas como “Comando Para Matar” (1985) ou “Duro de Matar” (1988) passou a ser vista como um ranço obsoleto de uma certa moral (a americana, da era Ronald Reagan) e não um pleito universal (como os gregos, com seus heróis, apontaram, milênios atrás). Aquiles seria “cancelado” pelas redes sociais de hoje, como acontece com Rambo. Mas... na seara dos filmes B, aqueles feitos em regime de cinto apertado, há uma margem de manobra.

É e nessa margem que Ma Seok-do pode agir como Gene Hackman agia em Popeye Doyle em “Operação França” (1971). E a direção precisa de Lee Sang-yong (de “4th Period Mystery”) facilita muito seu trabalho, uma vez que o realizador mantém a adrenalina alta o suficiente para que Don Lee possa destilar toda a fúria de um detetive impulsionado pela corrupção estatal à sua volta.

Imparável no cumprimento do dever, Ma Seok-do precisa repatriar um criminoso, onde descobre uma rede ilegal que incrimina muita gente. E, numa investigação nada protocolar, ele vai abrindo uma trilha sangrenta até chegar ao bandido que deseja tirar de circulação. O que rege seus passos é um conceito que rejeitado Hollywood consagrou mas, depois, foi aconselhada a rejeitar: a premissa de que o modo de deter alguém sem freios é caçá-lo com alguém com menos freios ainda.

É uma premissa que pode soar conservadora e ser tachada de fascista. Mas a forma como Sang-yong dirige o longa nos liberta dessa pecha, ao propor uma crônica social que faz de Ma Seok-do um rebelde em um sistema esgotado. É uma abordagem crítica mais do que bem-vinda para oxigenar um gênero cansado, mas que fala de sacrifícios e lealdade.

Emmy consagra

'Succession', 'O Urso' e 'Treta'

Divulgação

Fica a sensação que os membros votantes da Academia de TV assistiram as mesmas séries

Por Leonardo Sanchez (Folhapress)

Depois de um atraso de quatro meses, a Academia de Televisão dos Estados Unidos enfim premiou, na noite de segunda-feira (15), os melhores das telinhas com o Primetime Emmy, mais cobiçado troféu americano dedicado a séries.

Sem grandes surpresas, a festa foi de "Succession", que arrematou seis das estatuetas da noite, incluindo a de melhor série de drama, pela temporada que pôs um fim às disputas da bilionária família Roy, e de "O Urso", que dominou em comédia com dez vitórias e quebrou o recorde de comédia mais premiada numa só edição, que antes pertencia a "Schitt's Creek", com nove. Em minissérie ou filme para a TV, "Treta" também dominou, com oito estatuetas.

O pódio reforçou uma sensação já comum no Emmy, a de que os votantes viram todos as mesmas séries. A trinca, afinal, dominou o que importava e, neste ano, esse monopólio pareceu um pouco mais forte do que o habitual, principalmente depois de o Globo de Ouro ter feito algo semelhante na semana passada.

O domínio de "Treta" serviu de consolação para a Netflix depois de os sucessos "The Crown" e "Wandinha" serem preteridos em drama e comédia, respectivamente - a trama sobre a realeza, que venceu a categoria principal há três anos,



Em sua 75ª edição, o Emmy Awards concentrou a premiação de séries e filmes para a TV em três atrações

tem mais uma chance em setembro, por sua temporada derradeira.

"The Crown", aliás, ilustra bem o estranhamento inerente a esta 75ª edição do Emmy. Com as greves de roteiristas e atores que tomaram Hollywood no ano passado, impedindo que astros divulgassem seus trabalhos por bons meses, a premiação precisou ser reagendada e saiu de sua tradicional data de setembro para este janeiro em que as listas parecem obsoletas.

O drama monárquico concorreu por uma leva de episódios lançada em novembro de 2022, enquanto a grande ameaça a "Succession", na principal categoria da noite, era "The White Lotus", que levou o público às águas cristalinas de Taormina no ainda mais longínquo outubro de 2022.

Na prática, a festa que tomou Los Angeles nesta segunda foi a do Emmy de 2023, e uma outra edição do prêmio, esta de 2024 mesmo, deve acontecer no

segundo semestre, sem dar muito respiro para as grifes que vestem os indicados.

Já premiada como melhor drama por sua segunda e terceira temporadas, "Succession" ainda levou as estatuetas de direção, roteiro e ator, para Kieran Culkin, atriz, para Sarah Snook, e ator coadjuvante, para Matthew Macfadyen.

Domínio da HBO

Nestas últimas categorias, era a grande favorita, e competia ou consigo mesma ou com a colega de emissora "The White Lotus" - as duas produções da HBO dominaram a seção dramática de atuação, com 18 das 28 indicações.

Aí estavam as disputas mais difíceis da noite, numa verdadeira coleção de trabalhos memoráveis. Vale lembrar o poderoso quinteto da antologia, indicada em atriz coadjuvante nas figuras de Aubrey Plaza, Sabrina Impacciatore, Simona Tabasco, Meghann Fahy e Jennifer Coolid-

ge - esta, a vencedora, agradeceu aos "gays malvados" em seu discurso.

A comemoração só não foi maior para "Succession" porque outra colega de emissora, "The Last of Us", havia saído na frente com oito troféus no Creative Arts Emmy, ala mais técnica da premiação, que anunciou seus vitoriosos na semana passada. Com seus zumbis fúngicos e cidades devastadas, a obra brilhou em categorias como efeitos especiais e maquiagem.

Já em comédia, a disputa parecia mais acirrada. Mas se "Succession" deu seu adeus em grande estilo, o mesmo não pode ser dito de "Ted Lasso". Depois de vencer em série do gênero em 2021 e 2022, a produção do Apple TV+ chegou ao fim vendo sua última possibilidade de vitória indo parar nas mãos de "O Urso".

A queridinha da vez arrematou ainda direção, roteiro e ator, para Jeremy Allen White, atriz coadjuvante, para Ayo Edebiri, e ator coadjuvante, para Ebon Mos-

Divulgação HBO



Succession

s-Bachrach. Fora das cozinhas, Quinta Brunson foi eleita melhor atriz, por “Abott Elementary”.

“Treta”, além do prêmio de melhor minissérie, levou também direção, roteiro e ator, para Steven Yeun, e atriz, para Ali Wong. Niecey Nash-Betts, atriz coadjuvante de “Dahmer: Um Canibal Americano”, e Paul Walter Hauser, coadjuvante de “Black Bird”, completam a lista de premiados do formato.

Em termos de cerimônia, a Academia de Televisão preferiu ignorar as greves que a afugentaram do mês de setembro. Anthony Anderson, ator e produtor de “Black-ish”, foi o apresentador e, com tiradas mais sagazes, ajudou a aplacar o temor que assombra a indústria desde que o Globo de Ouro constrangeu seus convidados com as piadas ofensivas do comediante Jo Koy.

Fechando os premiados da noite, série e roteiro de variedades foram para Last Week Tonight with John Oliver; reality de competição, para RuPaul’s Drag Race; talk show, para The Daily Show with Trevor Noah, e especial de variedades, para Elton John Live: Farewell from Dodger Stadium. Com o troféu, Elton John entrou para o seleto clube Egot, acumulando vitórias no Emmy, Grammy, Oscar e Tony.

OS VENCEDORES

SÉRIE DRAMÁTICA
“Succession”
 (HBO Max)

COMÉDIA
“System” (“O Urso”)

ATOR EM SÉRIE DRAMÁTICA
Kieran Culkin, “Succession”

FILME PARA TV
“Weird: The Al Yankovic Story”
 (Inédito no Brasil)

ATRIZ EM SÉRIE DRAMÁTICA
Sarah Snook, “Succession”

ATOR EM MINISÉRIE OU FILME PARA TV
Steven Yeun, “Treta”

ATOR COADJUVANTE EM SÉRIE DRAMÁTICA
Matthew Macfadyen, “Succession”

ATRIZ EM MINISÉRIE OU FILME PARA TV
Ali Wong, “Treta”

ATRIZ COADJUVANTE EM SÉRIE DRAMÁTICA
Jennifer Coolidge, “The White Lotus”

ATOR COADJUVANTE EM MINISSÉRIE OU FILME PARA TV
Paul Walter Hauser, “Black Bird”

MELHOR DIREÇÃO EM SÉRIE DRAMÁTICA
“Connor’s Wedding” (“Succession”)

ATRIZ COADJUVANTE EM MINISÉRIE OU FILME PARA TV
Niecey Nash-Betts, “Dahmer: Um Canibal Americano”

MELHOR ROTEIRO EM SÉRIE DRAMÁTICA
“Connor’s Wedding” (“Succession”)

MELHOR DIREÇÃO EM MINISSÉRIE OU FILME PARA TV
“Figures of Light” (“Treta”)

Série de comédia
“O Urso” (Star+)

MELHOR ROTEIRO EM MINISSÉRIE OU FILME PARA TV
“The Birds Don’t Sing, They Scream in Pain” (“Treta”)

ATOR EM SÉRIE DE COMÉDIA
Jeremy Allen White, “O Urso”

ATOR COADJUVANTE EM SÉRIE DE COMÉDIA
Ebon Moss-Bachrach, “O Urso”

MELHOR PROGRAMA DE COMPETIÇÃO
RuPaul’s Drag Race (Paramount+) III

ATRIZ COADJUVANTE EM SÉRIE DE COMÉDIA
Ayo Edebiri, “O Urso”

MELHOR TALK SHOW
The Daily Show with Trevor Noah (Inédito no Brasil)

Melhor direção de série de comédia
“Review” (“O Urso”)

MELHOR PROGRAMA DE VARIEDADES AO VIVO
Elton John: O Show da Despedida (Disney+)

Divulgação Star+



O Urso

Divulgação Netflix



Treta

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha